

DOSSIÊ RICARDO REIS

POR ALUNOS DE LETRAS/UFRN DO
PROFESSOR MÁRCIO DANTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
TÓPICOS DA LITERATURA PORTUGUESA II (LET0082)

Leitura comentada de duas odes: influência horaciana em Ricardo Reis

Por Daniel de Hollanda Cavalcanti Piñeiro

Graduando em Letras

Natal

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
TÓPICOS DA LITERATURA PORTUGUESA II (LET0082)

Leitura comentada de duas odes: influência horaciana em Ricardo Reis

Por Daniel de Hollanda Cavalcanti Piñeiro

Graduando em Letras

Ensaio feito com fins de atingir nota na terceira avaliação da disciplina *Tópicos da Literatura Portuguesa II*, do departamento de Letras da UFRN, oferecida pelo professor Márcio de Lima Dantas no primeiro semestre de 2011.

Sumário

Introdução.....1

Observações gerais.....	1
Estruturas composicionais.....	2
Elementos visuais e sonoros.....	2
Conclusão.....	3
Referências.....	3

Introdução

O presente ensaio baseia-se na leitura de duas odes de Ricardo Reis (pp. 54 à 56), selecionadas pelo professor como “último corpus” a ser analisado na disciplina *Tópicos da Literatura Portuguesa II*, em junho de 2011. Para tanto, foi selecionado como foco das análises a influência do “fazer poético” de Horácio na obra de Reis, tendo como texto crítico o capítulo “Conceitos de Literatura na Antiguidade” de *Teoria da Literatura Revisitada* (GONÇALVES; BELLODI. Pp. 37 à 56).

Com isso, observamos principalmente as semelhanças entre Horácio e Reis no que toca a:

O que se nota na expressão de Horácio é a preocupação quase obsessiva com exatidão. Sentimos claramente sua atividade incansável no sentido de chegar à expressão correta e precisa. Isto é extremamente interessante porque outros autores do classicismo, mais tarde, irão enfatizar a imitação de expressões consideradas perfeitas e não o trabalho de construir a perfeição no memento criador. (Idem. p.54)

E a:

Horácio preocupa-se também com características, como a unidade. É verdade que ele associa a unidade a certas regras de harmonia, que não permitiriam, por exemplo, a expressão do fantástico. É o que acontece quando ele fala de um quadro onde houvesse uma cabeça humana, um pescoço de cavalo e membros de outros animais. (Idem. p. 55)

Vale salientar que entendemos, portanto, o conceito horaciano de “unidade” nada distante do “imaginário”, mas sim do “absurdo”, o que podemos checar com “entidades mitológicas” quase sempre “corporificadas” na obra de Reis, geralmente ou como um evento da natureza ou como algo “acima de nós”, quase uma “impressão”.

Observações gerais

Logo em uma primeira leitura, vemos que as duas odes possuem características próximas: os temas (quase em diálogo) “a nossa vontade nos submete aos outros” e “Amor, glória e riqueza nos são um peso à lucidez”; há também “deuses” em ambos os textos, sendo a sua presença em função dos “homens” (pela “nossa visão perturbadora” ou “invocação do eu lírico”); e, por fim, destacam-se as semelhanças entre as “metáforas de julgamento” presentes nas duas odes: homem/gado, riqueza/metal, glória/eco, amor/sombra. As correspondências que vemos, portanto, passam principalmente pelo “eixo temático” e, ao compará-las com a poética de Horácio, vemos certa preocupação lexical com a “precisão” das ideias e, em nível conceitual, com a “unidade”/ equilíbrio do ser humano (dada pela *ataraxia*).

Quanto às diferenças logo observadas, pode-se citar a própria extensão e métrica das duas odes. A primeira apresenta apenas 3 quadras com métrica 10/10/6/6 e a segunda 8 quadras com métrica 4/4/10/6 (sendo, mesmo assim, fatores de “unidade” em cada texto).

Estruturas composicionais

O que nos chama a atenção nas estruturas composicionais dessas duas odes é a prevalência do “jogo” de metáforas e seus posteriores “julgamentos”. Parece-nos que, talvez por precisão, por mais abstratas que sejam as ideias tratadas, há uma tendência geral de “corporificação” dos elementos analisados pelo eu lírico e comparação com o “ideal” que ele defende.

Sendo assim, a presença de “deuses” se justifica para representar tanto o “desconhecido” que, *provavelmente*, age sobre nós, quanto à “visão *por cima dos homens* e completamente desinteressada” a que se recorre. De mesmo modo, abstrações como *vontade, riqueza, glória e amor* são tratadas com “metáforas visuais” bastante fortes: a *mão que controla* acima do *gado*, a propriedade simplesmente/pejorativamente física do *metal*, o vazio que há ao redor da *glória* para que se possa ser um *eco*, e a referência clássica à sombra como a visão parcial das coisas. Logo em seguida, vemos a avaliação do que é “ideal” (segunda ode) ou apenas o julgamento desse desequilíbrio (primeira ode).

Por esse caminho, chegamos à “estrutura argumentativa” do eu lírico que visa demonstrar o pouco valor dos “desejos mundanos” (e do próprio *desejo* em si):

Conceito abstrato → comparação (metafórica) com “x” → julgamento de valor (padrão ideal: ataraxia).

Elementos visuais e sonoros

Ao verificarmos as sílabas tônicas em cada verso, podemos perceber os tons em cada estrutura: a primeira ode apresenta muitas vogais (e algumas semivogais) “a”, dando aspecto mais “claro” ao texto, como se pudéssemos ver o “pasto do gado”, mas também há vogais “e” e “i” com frequência suficiente para equilibrar essa visão “diurna” com a metáfora da submissão; já na segunda ode, há bem mais incidência de vogais “e”, “i” e “o” até a antepenúltima estrofe, e ocorrências razoáveis de vogais “a” nessas duas últimas quadras, o que parece equilibrar-se com o teor de “conclusão” do que é ideal: “a visão clara e inútil do Universo”. Vemos nessas correspondências estruturais mais um exemplo de “unidade”/equilíbrio e “precisão” na obra de Reis, que vai além no nível lexical ou sintático e chega ao fonológico.

Tal precisão também é observada, como citamos, na estrutura das ideias: Ricardo Reis utiliza muito o sentido da visão para criar suas metáforas: “visão perturbada”, “gados que há nos campos”, “as mãos pelas quais outros nos guiam”/ “metal”, “sombra”, “formas dos objectos”, “visão clara e inútil”, “orgulho de ver”, “deixar de ver”; além de estimular mais esse sentido, estipulando “locais”/direções: “acima/ De nós”, “acima dos gados”, “Para onde”/ “às escondidas”, “mundo”, “Universo”. Mesmo quando remete à “não direção”, abrangendo “tudo” e em toda parte (mundo, universo), usa referências visuais/espaciais (o que funciona para a maioria dos receptores, não contando, claramente, com leitores que possuam desde sempre restrição sensorial).

Conclusão

Pudemos verificar na escrita de Ricardo Reis algumas estruturas que retomam a Horácio, sendo as mais visíveis a mitologia clássica permeando visões “mais imaginárias”, porém não

“absurdas”; a precisão do léxico e estrutura metafórica; e quadras com mesma estrutura silábica (em cada texto). Isso nos dá visão mais aproximada de quanto a Poética de Horácio (provavelmente mais suas odes) influenciou as criações do heterônimo de Pessoa.

Somando-se a isso a própria escolha pelo gênero “ode”, os temas pagãos e a ataraxia como o equilíbrio máximo da poesia de Reis, vemos que esse poeta busca não apenas um modo de vida mais ameno, mas contrapõem mesmo estruturalmente a “bile poética” de Álvaro de Campos. Sendo ambos estes os discípulos de Caeiro, Reis é, portanto, o “braço latinista” da filosofia do mestre e que fica entre a *ideologia* de Caeiro e o *fazer poético* de Horácio.

Referências

GONÇALVES, Magaly T.; BELLODI, Zina C. *Teoria da Literatura “Revisitada”*. Vozes: Petrópolis, 2005.

PESSOA, F. *Obras Completas de Fernando Pessoa*. Editora Ática: Lisboa, 1978.

FIM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROFº. MÁRCIO DE LIMA DANTAS

A simbologia na poesia de Ricardo Reis: fuga do prazer para
evitar a dor.

POR: MARIA FABIANA MEDEIROS DE HOLANDA

NATAL/RN

MARIA FABIANA MEDEIROS DE HOLANDA

A simbologia ligada à poesia de Ricardo Reis: fuga do prazer para evitar a dor.

Trabalho apresentado à disciplina Tópicos em Literatura Portuguesa II, para obtenção de nota no curso de Letras e Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Prof. Orientador: Márcio de Lima Dantas.

NATAL/RN

Submetendo a objetivação do seu mestre Caeiro e a subjetividade do seu ortônimo, temos por assim dizer, o processo de criação poética de Ricardo Reis seguindo a linha da objetivação da subjetividade. Segundo, alguns críticos, Ricardo Reis é dentre os heterônimos de Fernando pessoa o que mais se aproxima dele. Seguindo uma linha mais conservadora, diferentemente, dos outros heterônimos, Reis destaca-se por ser mais instintivo do que intuitivo. Nesse

sentido, ele põe tudo em causa, mas não para negar, mas sim para colocar nos símbolos as certezas que o conhecimento empírico do mundo não foi capaz de trazer.

Tendo, pois o pensamento promovendo a sua criação poética, o sujeito pensa o objeto e a sua relação com ele, assim como numa relação significante e significado no qual o objeto, é sentido não tal como é apresentado, mas como uma ideia que o sujeito faz dele. É por este olhar que analisaremos a poesia de Ricardo Reis “Vem sentar-te comigo, Lúdia, à beira do rio”. Repleta de simbologia, essa poesia retrata bem o eu consciente, reflexivo e racional de Reis que norteia todas as suas poesias.

A fim de buscar uma melhor compreensão da poesia, a análise será feita levando em consideração as estrofes para tentarmos entender a lógica de criação de Reis. Num primeiro momento, atentamos para o idílio amoroso que cerca o sujeito poético com a mulher amada à beira do rio, Lúdia. Ao utilizar, verbo no imperativo temos a sensação de que o sujeito poético tenta trazer a sua amada, a participar de sua filosofia de vida, julgando assim, alcançar a felicidade. Nesse momento, ele tem dois impulsos: desejo de viver o presente e o desejo de renunciar ao amor e isso é bastante visível ao analisarmos o poema, pois esse sujeito poético na verdade recusa o prazer para não sofrer. Temos assim, a impressão que o encadeamento da poesia é uma tentativa de convencimento ao leitor de que o amor é tal como, o rio – uma passagem.

Na primeira e segunda estrofe, temos a metáfora do rio como a imagem da vida que passa “(...) *fitemos o seu curso e aprendamos / Que a vida passa (...)*” e essa transitividade temporal vai para lá dos deuses, já que esse fado é uma força superior aos deuses “(...) *para ao pé do Fado / Mais longe que os deuses.*”.

No terceiro e quarta estrofe, o que está em evidencia é a ausência de qualquer compromisso com sentimento. A recusa aos “amores, ódios, paixões, invejas, cuidados”, a única certeza que o eu poético assume é a morte como a única certeza do percurso existencial. “(...) *Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.*” “(...) *o rio sempre correria, / E sempre iria ter ao mar*”. Esse conflito entre amar e não amar é uma fuga a liberdade ilusória do homem.

O poeta busca uma serenidade que ele julga não ser capaz de encontrar no amor, pois como podemos perceber na quinta e sexta estrofes, ela é encontrada na serenidade. O verdadeiro amor é capaz de controlar as emoções deixando-o viver de maneira calma e serena longe dos sobressaltos da paixão.

Curiosamente, na sétima e oitava estrofe, o narrador busca convencer o leitor que a morte não é apenas física, mas sim consequência da abdicação do “eu” perante a vida. A representação da morte é feita por meio da figura do barqueiro “*E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio (...)*”. Essa é uma alusão ao barqueiro caronte que transportava os mortos, através do rio Letes. Além do barqueiro, a última estrofe do poema traz outros símbolos que remetem a passagem de uma vida para outra – Fado, flores, sombra. Tais símbolos representam a atitude do poeta diante do seu destino e, principalmente toda submissão do coração a razão, revelado diante de um amor platônico.

FIM

Ricardo Reis: um homem?

Rouse Klébia R. Cândido
Letras UFRN

Um homem civilizado, de boas e elegantes maneiras e culto. Define-se um pagão lusus natural, ou seja, que possui um sentimento inato. Usa o paganismo para afastar o sofrimento, no entanto, a sua tristeza permanece é o que percebemos através de sua filosofia que é a de um epicurismo triste e defende o prazer do momento, o “carpe diem” (aproveitai o dia), ou seja, aproveitai a vida em cada dia, como caminho da felicidade, mas sem ceder aos impulsos dos instintos. Apesar deste prazer que procura e da felicidade que deseja alcançar, considera que nunca se consegue a verdadeira calma e tranquilidade.

Sua poesia com muitas alusões mitológicas, com uma linguagem culta e precisa, sem qualquer espontaneidade. Estilo neoclássico influenciado pelo poeta latino Horácio, com utilização frequente da ODE. Uso de um vocábulo culto e alatinado além do rompimento da ordem direta dos temas como principal recurso, ou seja o hipérbato. Para Reis a sabedoria consiste em saber-se aproveitar o presente, porque se sabe que a vida é breve. Há que nos contentarmos com o que o destino nos trouxe. Há que viver com moderação, sem nos apegarmos às coisas, e por isso as paixões devem ser comedidas, para que a hora da morte não seja demasiado dolorosa.

Ricardo Reis propõe uma filosofia moral de acordo com os princípios do epicurismo e uma filosofia estoíca através do aproveitar a vida a cada dia, como caminho da felicidade; buscada com tranquilidade não cedendo aos impulsos dos instintos (estoicismo), procurando à calma, ou pelo menos, a sua ilusão e seguindo o ideal ético da apatia que permite a ausência da paixão, além da busca pela liberdade que segundo ele sobre esta apenas pesa o Fado.

*“...Como acima dos Deuses o Destino
 É calmo e inexorável...” (Ricardo Reis)*

A poesia de Reis também é caracterizada pelo classicismo erudito através da precisão verbal, recurso à mitologia (crença e culto aos deuses), princípios de moral e da estética epicurista e estoíca; tranquila resignação ao destino; aceita a relatividade e a fugacidade das coisas.

*“Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
 E deseja o destino que deseja;
 Nem cumpre o que deseja,
 Nem deseja o que cumpre”.*

Poeta intelectual, sabe contemplar, ver intelectualmente a realidade, pois para ele a verdadeira sabedoria da vida é viver de forma equilibrada e serena. A angústia e a tristeza caracterizam modernamente o poeta, assim como a desconfiança perante a fortuna, os sentimentos fortes e o prazer.

Por tanto, através dessas características percebemos que Ricardo Reis apresenta-se como um ser totalmente indiferente, que leva a vida por levar, vivendo os dias conforme lhe convém, sem grandes acontecimentos. É um poeta que não sorri. Apenas observa, admira e vive o momento presente, característica dos epicuristas e estoícos.

“Reis procura simplesmente aderir ao momento presente, gozá-lo, sem nada mais pedir.”

Referências:

PAZ, Octávio. Sígnos em rotação. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990;

PESSOA, Fernando. ODES Ricardo Reis, Coleção Poesia, Edição Ática.

Sites:

<http://pt.scribd.com/doc/23717126/Ricardo-Reis-caracteristicas>

FIM



ODES DE RICARDO REIS: UM ELOGIO A HORÁCIO

Elaine Cristina Câmara de Azevedo Maia

Departamento de Letras – UFRN

Resumo:

A ode é uma forma de composição poética que se originou na Roma Antiga, a qual se costumava cantar acompanhada pelo instrumento musical chamado lira. Em Roma, a ode era conhecida como “*carmen*” e foi cultuada por filósofos como Virgílio, Ovídio e Horácio. O trabalho ensaístico em questão tentará relacionar em uma pequena amostra de odes de Ricardo Reis e Horácio a correspondência estilística e filosófica com um dos maiores expoentes da poesia: o poeta Horácio.

Palavras-Chaves: Horácio; Ricardo Reis; Estilo; Filosofia.

A ode é uma forma de composição poética que se originou na Roma Antiga, a qual se costumava cantar acompanhada pelo instrumento musical chamado lira. A ode, palavra de origem grega, primitivamente significa “canto”. E a ode denomina composições líricas de tom normalmente solene e entusiasta, que podem falar de amor e de temas extremamente variados, desde os prazeres da mesa, notadamente o vinho, até celebrações de jogos olímpicos, Maussad Moisés fala, por exemplo, sobre os poemas de homenagens a: “*pean*, dedicado a Apolo e deuses benfeitores”, (...) “*encômio*, em homenagem aos vencedores, reis e príncipes” (MOISÉS, 1997: 265). Assim, por exemplo, se pegarmos o livro de *Sátiras: Os Faustos* de Horácio e Ovídio encontraremos a informação que revela a *Carmem Secular* do poeta Horácio, como sendo a mais conhecida, a qual tratava de:

um hino feito a pedido de Augusto para ser cantado pelos jovens romanos por ocasião das grandes festas tradicionais que se realizavam secularmente na grande cidade, e que o imperador quis celebrar no 10º ano de seu principado (17 A.C.). (HORÁCIO; OVÍDIO, 1964: VIII)

Em Roma a ode era conhecida como “*carmen*” e foi cultuada por filósofos como Virgílio, Ovídio e Horácio. O trabalho ensaístico em questão tentará relacionar em uma pequena amostra de odes de Ricardo Reis e Horácio, a correspondência estilística e filosófica de um dos maiores expoentes da poesia: o poeta Horácio.

As odes em geral, apresentam-se de forma complexa e variável, marcadas pelo tom elevado e sublime com que delineiam um assunto. Levando em consideração a forma, uma das odes mais conhecidas de Horácio é a Décima primeira do livro Um, (Ode I, 11) a Ode a *Leuconoe*, cujo valor estético está no estabelecimento de rimas quaternárias e na composição de estâncias regulares de quatro versos. Enquanto que a primeira ode, do livro de

Ricardo Reis, é composta assim como a de Horácio, por uma série de estâncias iguais expressas em estrofes de seis versos, apresentando musicalidade leve, rimas toantes e versos em cinco sílabas de natureza popular, aparentando ser o heterônimo Ricardo Reis transfigurador da obra de Horácio, pois assimila o que foi de Horácio e modela, cria segundo sua habilidade.

Quanto ao conteúdo, à ode de Horácio citada acima expressa uma relação afetiva com quem o eu empírico dialoga: *Leuconoe*. Segundo Jayme Ferreira Bueno, etimologicamente a palavra *Leuconoe* significa: “ingênua, pura, (Do grego leukós = branco, puro, limpo; e noós, por contração, nous = inteligência, alma, coração)”. Ao fim, na seguinte tradução de Jayme Ferreira Bueno, Horácio aconselha:

//que Júpiter te conceda, este que, agora, se desfaz/, /como espuma no mar Tirreno: prepara o teu vinho,/, /abrevia esperanças longas, porque o tempo é breve./, Ele nos foge enquanto falamos: colhe este dia,/, / porque sobre os vindouros dias nada saberemos.//

(<http://jaymebueno.blogspot.com/2009/05/literatura-latina-uma-ode-de-horacio.html>) Acesso em 18 de maio de 2011.)



A ideia desse poema rescindi, em parte, sobre o reconhecimento da brevidade da vida, sobre o ideal Epicurista de aproveitar cada momento, convencido de que a sabedoria está em gozar a vida pensando o menos possível. O que importa é viver o agora, o amanhã já não importa tanto. Nesse sentido, por acaso, se morremos a partir desse momento teremos aproveitado (vivido, sentido, sem que isso queira dizer que aproveitamos intelectualmente) o último momento.

No início da ode de Ricardo Reis há uma evocação a Alberto Caeiro, heterônimo este que pretende ver claramente o mundo exterior; embora saibamos que aquele tenha seu olhar frio e desencantado, este vive para sentir as coisas do mundo, que deixa de lado o ato reflexivo, racional, e a busca da objetividade do mundo. Segundo Leyla Perrone-Moisés: “Alberto Caeiro propõe o simples olhar para as coisas, sem nenhuma interrogação metafísica.” (NOVAES, 1988: 333); “Olhar de criança, olhar primeiro, olhar nítido, - para consegui-lo é preciso parar de pensar” (NOVAES, 1988: 334). Enquanto que Ricardo Reis é o poeta clássico, é aquele que como um médico enxerga o mundo, o primordial para ele é o pensar, refletir o mundo como objeto, porque só o olhar crítico é capaz de esclarecer o mundo. Ricardo Reis ensina a não viver na vida as tristezas e alegrias em todas as horas que perdemos, no entanto ensina a “decorrê-la”, a dinamar em vida o que passa, ou nascer, proceder, resultar: o saber que dinama das inteligências privilegiadas.

Quando o heterônimo dialoga com o mestre Alberto Caeiro, Ricardo Reis aparenta ser empiricamente fragmentário, pois pode chegar a compactuar em parte com a forma de ser de seu Mestre. Podemos refletir isso da seguinte maneira, da ingenuidade de colher flores, um ato um tanto sensorial, podemos tirar proveito, podemos aprender, porque por mais que esteja relacionado a um ato sensorial banal, que qualquer ser humano possa experimentar, o heterônimo Ricardo entende que a vida pode correr serenamente, sem necessariamente ter intenções de se viver intensamente (sensações contínuas, irreflexivas). Leyla Perrone-Moisés comenta que Ricardo Reis: “procura olhar o mundo desapassionadamente, com um olhar distante sem envolver com o mundo” (NOVAES, 1988: 337). Nesse caso para enxergarmos sentido na vida é necessária a propensão do ser humano se provir de sabedoria (ser um ser reflexivo). Nesse sentido, o sentir de Caeiro passou a ser um elemento que pode vir a ser uma das formas de se chegar à sabedoria, mas não exatamente a

própria. Em Ricardo temos: “/ Da vida iremos/, / Tranqüilos, tendo/, / Nem o remorso/, / De ter vivido./”. (REIS, s/d: 15) Ou seja, o viver mundo, o sentir o mundo, irreflexivamente, deixou de ser requisito para se dizer que se é vivo. Para o heterônimo Reis faz mister pensar, criar, emanar sabedoria, para ao fim nem sequer pensar que não viveu (sem remorsos nesse sentido, porque tentou buscar a razão). Em outra estrofe ele recorda: “// O tempo passa,/ Não nos diz nada./ Envelhecemos./ Saibamos, quase/ Maliciosos,/ Sentir-nos ir./.” (REIS, s/d: 14) Ou seja, o tempo ancora, não damos conta do que vivemos quando não refletimos, mesmo tendo vivido (sentir, de sensações passageiras) cada dia. A partir desse trecho Reis, poeticamente, pondera que não nos aproveitamos como deveríamos, não refletimos o chegar da sabedoria, para que “nasçamos” intelectualmente a cada experiência como uma criança, que maquina e descobre algo extraordinário em uma simples pedra que cruzou o seu caminho. Portanto, segundo Reis: “/Não vale a pena/, / Fazer um gesto./, / Não se resiste/” (REIS, s/d: 14); o gesto não nos importa, ele não nos faz resistir, o pensar, o refletir é o que nos fará ser tranquilos e plácidos. O poeta nesse caso cumpre o papel de imortalizar os mortos à medida que traz essa tradição incorporada ao seu texto para a modernidade.

Referências:

BORNHEIM, Gerd A. et al. O conceito de tradição. In: **Cultura Brasileira: Tradição/ Contradição**. Jorge Zahar/ Funarte: Rio de Janeiro, 1987 p. 15-29.

HORÁCIO; OVÍDIO. **Sátiras: Os Faustos**. V. IV. Trad. António Luís Seabra; António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1964. (Clássicos Jackson).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 256-285.

NOVAES, Adauto et al. Pensar é estar doente dos olhos. In: **O olhar**. São Paulo: Companhia de Letras, 1988. p. 327-346.

REIS, Ricardo. **Odes**. Ed Ática, s/d. (Coleção Poesia)

<<http://jaymebueno.blogspot.com/2009/05/literatura-latina-uma-ode-de-horacio.html>> Acesso em 18 de maio de 2011.

<<http://www.dicio.com.br/dimananar/>> Acesso em 18 de maio de 2011.

<<http://memoriaeidentidade.wordpress.com/2009/12/08/tradicao-e-o-talento-individual/>> Acesso em 25 de Maio de 2011.

Imagens:

<<http://edcapistrano.blogspot.com/2010/07/frases-latinas-sobre-o-tempo.html>> Acesso em 25 de Maio de 2011.

<<http://bibliofiloricardoreis.blogspot.com/2007/11/as-caracteristicas-de-reis.html>> Acesso em 25 de Maio de 2011.

FIM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Concepção de vida para Ricardo Reis e Horácio

por:
Ane Karisy da Silva Correia
Graduanda em Letras pela UFRN

Falar sobre a vida é um tema bastante complexo, pois abrange várias definições que transmitem aspectos diversos para cada concepção de questionamento que se faz sobre ela e sendo inserida num contexto e ao ambiente que se refere. A palavra vida vem do latim (*vita*) e pode estar relacionada ao conceito de existência do ser humano no mundo, pode estar relacionado ao conceito da ciência, da religião, da literatura.

Acredito que a vida é feita por etapas que vão se modificando com o passar do tempo e, além disso, a mesma não é vivida sem o tempo, pois ele de certa forma regula os momentos da vida, apresentando um momento de vida divergente de outro momento mais distante.

Nós, seres humanos, somos obrigados a vim ao mundo. Ou seja, não temos a liberdade de fazermos a escolha de viver, pois somos jogados nele literalmente, mas acredito que em alguns momentos temos o livre arbítrio de optar por estar vivo ou morrer, já que no mundo existem os momentos de fraqueza, de ganância que faz com que as pessoas se matem.

Como já havia citado acima, sendo a vida um processo onde acontecem mudanças constantemente, ela nos possibilita a viver pelo desejo, pelo amor, pelas conquistas, pelo simples fato de existir, por obrigação, pelo sofrimento, entre outras coisas que são concepções passadas e vivenciadas pela sociedade e é possível pensar que a vida é vivida por conflitos e emoções.

O poeta Fernando Pessoa, que apesar de toda a sua imaginação para criar os seus heterônimos os quais cada um tem pensamento distinto do outro, Ele próprio, Pessoa, era ao mesmo tempo uma pessoa tanto complexa quanto vazia, pois sua vida carregava um vazio, um “sujeito vago” e é por isso que se justifica a existência de seus heterônimos os quais surgiram justamente para preencher esse vazio e expressar a explosão do que estava dentro dele e ser vivido com o objetivo da multiplicação.

A religião tem uma concepção sobre o conceito de vida assim como a ciência também, esta considera o material, o corpo, a formação da vida que é feita por um processo de transformação e decisões a serem tomadas, já aquela, a religião, tem um foco voltado para o espiritualismo, a alma com conceitos voltado geralmente a um Deus.

A nossa inspiração de vida é movida pelo desejo, pelos prazeres bons que ela nos oferece e até mesmo pelo materialismo o qual domina a mentalidade da sociedade capitalista a qual vivemos. Geralmente, pensamos em viver muito, mas viver aproveitado o que de bom ela nos oferece e quando somos movidos a viver momentos de tristeza, causando dor, nos deprimimos e questionamos o porquê de tanta infelicidade e em alguns caso de optar-se pela morte para acabar com o sofrimento.

O poeta Ricardo Reis sendo um dos heterônimos de Fernando Pessoa, é o mais complexo de ser estudado e o seu conceito de vida não foge desse complexo, pois ele trata toda a sua obra num epicurismo triste. Vale salientar que falar dos aspectos trabalhos por Reis é de extrema importância em relação à concepção de vida porque para ele a mesma deve ser vivida pela “Razão” que estar associada a idéia católica, sendo uma razão pensada, deliberada, ideológica em que a igreja tem a razão com um sentimento de culpa. Justificando uma visão da classe social (a burguesia e o papa). Para Reis devemos viver isoladamente, individualmente, sem prazeres tendo uma vida tranqüila e calma para não obter conseqüências ou sensações dolorosas.

Ele argumenta que nem os “Deus” têm a felicidade e que não se pode ter quem estar fora da fé e que não se deve pensar na morte, pois se for pensada não se tem uma vida calma e tranqüila.

Mas será que viver de acordo com os conceitos de Reis seria a melhor opção? Penso que não porque o que nos move são os prazeres, os desejos, a explosão da felicidade que nos deixa cheios de vontade de viver e viver tranquilamente sem mudanças na vida dever ser muito tedioso, mas acredito que obter alguns ideais dele deve sim ser relevante para a vida, pois ninguém vive se agitado cotidianamente, a calma faz parte de nossas vidas. Ele pensa a vida como calma, pensando nas conseqüências que as ações nos levam e a preferência pela tranqüilidade é justificada Por esses conceitos sobre a vida.

Em contradição a Ricardo Reis tem-se o poeta lírico e satírico Horácio de Roma que tem uma concepção de vida bastante divergente porque para ele a vida deve ser vivida intensamente, aproveitar o presente sem pensar nas conseqüências do futuro, pois ele pensa que a vida é breve é tanto que ele tem com reflexão o “CARPEM DIEM” (aproveite o dia). E ele tem esse conceito sobre a vida porque ele acredita que se deve aproveitar-la antes da morte, pensado no amor como uma forma de intensidade, de inspiração, de desejo, objetividade.

A baixo encontram-se duas Odes dos poetas Horácio e Ricardo Reis respectivamente, cada uma expressando o seu ponto de vista em relação à vida e mostrando as contradições existentes entre ambos sobre a mesma.

Odes de Horácio

I, I4

Ó nau, de novo, ao largo mar te levam
as ondas! Oh! Que fazer? Tem-se às praias
com decisão. Não vês teu flanco nu
de remos e teu mastro já quebrado
pelo Áfrico veloz? Não vês que as Vergas
gemem e as quilhas. Sem amarras já,
quase não podem suportar o mar
em fúria? E velas íntegras não tens?
Nem deuses, a quem possas apelar
Da desgraça oprimida. Embora filho
De nobre selva, não te gabes, não,
Da tua origem, do teu nome inútil,
Pinho do ponto; não confia, nada,
O nauta nas pintadas popas toma
Cuidado, nau! Não sejas tu ludíbrio
Dos ventos. Tu, pesar inquieto, dantes;
Agora, me és saudade e, muito mais,
Motivo do maior cuidado meu.
Evita o mar das Cícladas cercado,
Célebres ilhas de nitente alvura!

O que se pode tomar como reflexão desta Odes são os cuidados que Horácio tem em relação as decisões do seu amigo, mas que ele lhe dá idéias do que fazer já que se tem a praia como opção ao momento em que estar sendo proposto a ele. Horácio faz dos cuidados das limitações do seu amigo, dos lugares que não dever ser passado e o que deve aproveitar de melhor. Em comparação nós, das atualidades, pode-se pensar que essa Odes é bastante atual, pois sempre temos alguém que nos quer o bem, que quer nos proteger e nos guia para não tomarmos caminhos errados em nossas vidas. Para não irmos embora de vez e ficar a saudade do que se foi.

Odes de Ricardo Reis

SEGUE o teu destino,
Rega as tuas Plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixar a dor nas aras

Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos deuses.

Mas serenamente
Imita o Olímpio
No teu coração.
Os deuses são deuses
Porque não se pensavam.

O eu lírico expressa seu pensamento de viver pela razão, viver sem muitas expectativas de vida, pois ela não dá a resposta para as perguntas, apenas deve-se viver e quem poderá responde são além dos deuses da mitologia grega. O eu lírico relata para viver deve-se ser de acordo com o que foi proposto, destinado, seguindo os rumos da vida para não sofrer e nem deixar a dor tomar conta de nós.

Nessa Odes fica claro todos os princípios de Reis ao falar sobre a vida, sobre a razão, a religião em que ele foca os deus da mitologia grega que seriam os próprios cristãos é tanto que ele fala que eles não pensam e há um distanciamento do sujeito com o objeto no sentido de viver por meio da individualidade.

FIM

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Departamento de Letras.

Docente: Márcio Dantas

Discente: Vanessa Guedes de Carvalho

Disciplina: Tópicos em Literatura Portuguesa II

Ricardo Reis: o poeta do desencanto

Ricardo Reis considera impossível ser livre em um mundo sob os desígnios do Fado e, que deve-se apenas tentar buscar a ilusão da liberdade. O poeta vive o peso de não poder livrar-se da sua condição humana diante da apatia dos deuses. Diante disso, vive a procura da serenidade e da paz de espírito.

O *Carpe Diem* de Horácio é forte em sua obra. De acordo com o poeta, é necessário aproveitar o momento e ser feliz porque a vida é passageira e o homem deve entender que nada pode. A respeito do *Carpe Diem*, Dante Tringali afirma: “Na brevidade da vida humana, há alguns dias fulgazes em que a felicidade fulgura. É preciso colher esses dias, que se escoam, usufruí-los, como se fossem frutos da árvore da felicidade, antes que chegue a velhice e a morte. Essa é a célebre teoria do *carpe diem*, que vai fundamentar o processo da festa. Ela manda que se colha o dia, que se goze o dia que passa.”

Além disso, é notável em suas odes a presença do estoicismo e do epicurismo. O estóico recusa ceder aos impulsos dos instintos, renuncia viver sentimentos, bens materiais para não sofrer com suas inevitáveis perdas. O amor, a riqueza, a glória devem ser evitados, pois são coisas passageiras. Deve-se procurar manter a tranquilidade e a disciplina com muita persistência. De acordo com António Pina Coelho “a atitude dos jogadores de xadrez que, indiferentes à guerra que se trava à sua volta, continuam o seu jogo calmo, mesmo perante a invasão do seu recanto pelos assaltantes, é uma concretização desse estoicismo radical.”

Reis é também um “epicurista triste”. Como sabe que não pode alcançar a liberdade, o poeta vive em busca da ilusão da liberdade. Diante da angústia interior que enfrenta, ele busca

um equilíbrio, uma tranquilidade na escolha dos prazeres. O poeta deixa sempre claro que nada vale de nada já que no fim tudo acaba.

O Epicuro defende que o prazer reside na satisfação e na ausência de sofrimento. O próprio Epicuro:

Quando dizemos, então, que o prazer é o fim, não queremos referirmos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como creem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas no prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma. (EPICURO, 1980, p.17)

Reis é um estrangeiro de si mesmo, um estrangeiro no mundo que o cerca, desencantado em relação a tudo. Vive a buscar a disciplina, a tranquilidade, a aproveitar a vida como pode mas percebe que nada vale a pena. Tudo é passageiro e que apenas deve aceitar. Vive ideias antagônicas que são inexplicáveis.

FIM

Ricardo Reis em “conversa com o leitor”¹

Por Gilceane Soares Batista

Ler a obra *Odes* de Ricardo Reis foi uma experiência bastante agradável. Todos os seus poemas chamaram bastante nossa atenção no momento da leitura – alguns, confessamos, mais do que outros. O que percebemos durante a leitura é que a maioria dos poemas trata de temas relacionados à vida do ser humano, como se o poeta estivesse fazendo uma reflexão sobre a nossa existência, nossa própria vida. Assim, sentimos, através de nossa leitura, a sensação de a voz lírica estar convidando o leitor para fazer essa reflexão sobre a nossa própria existência, enquanto sujeito cujo destino está ligado à nossa formação cultural.

Pensando desse modo, podemos observar na obra de Reis a crença nos deus – incluindo o Deus cristão – como um elemento cultural de bastante influência sobre o destino (a vida) do ser humano, como se a nossa maneira de “viver a vida” dependesse da força divina para acontecer, pois, conforme podemos ler na estrofe² da página 54:

*Anjos ou deuses, sempre nós tivemos
A visão perturbada de que acima
De nós e compelindo-nos
Agem outras presenças.*

Essa crença em forças superiores, expressada na estrofe acima, pode nos fazer pensar que muitas situações da vida humana são obras do destino dado a nós pelos deuses, uma vez que

*Nossa vontade e o nosso pensamento
São as mãos pelas quais outros nos guiam
Para onde eles querem
E nós não desejamos.*

¹ Ensaio apresentado à disciplina *Tópicos da Literatura Portuguesa II*, ministrada pelo professor Márcio Dantas, como requisito para obtenção da nota da 1ª unidade.

² Todas as estrofes aqui citadas foram retiradas da obra *Odes* de Ricardo Reis.

Sendo assim, conforme a leitura desse trecho, é como se não tivéssemos o direito à escolha, visto que, por mais que busquemos a liberdade nas nossas decisões, estas estarão sempre relacionadas às influências divinas.

Diante desse destino,

Só esta liberdade nos concedem

Os deuses: submetemo-nos

Ao seu domínio por vontade nossa.

Nesse trecho da estrofe da página 42, percebemos justamente essa ideia de não liberdade, ou seja, da nossa forma de entender a relação humana com as entidades divinas, uma vez que a única liberdade concedida a nós pelos deuses é a de estarmos submetidos ao seu domínio por desejo próprio.

Outro aspecto que também chamou bastante atenção durante a leitura da obra, além da temática da reflexão sobre a existência humana, diz respeito ao emprego verbal da primeira pessoa do plural em alguns dos poemas, pois, em nosso entendimento, é justamente essa escolha verbal que faz com que o leitor se insira no poema, compartilhando com o próprio poeta sentimentos e ideias que não são somente individuais, mas também fazem parte de toda a história da existência humana. Assim, quando o poeta afirma: *Anjos ou deuses, sempre nós tivemos a visão perturbada de que acima de nós [...] agem outras presenças*, ele não está somente assumindo sua crença nessa forma de ver a relação do homem com os deuses, mas também (por meio do “tivemos”) a crença do leitor, além da crença da cultura em que está inserido.

FIM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
DISCIPLINA: TÓPICOS DE LITERATURA PORTUGUESA II
PROFESSOR: MÁRCIO DANTAS

MÚSICAS INFLUENCIADAS POR RICARDO REIS

por TALINY ELITA MACÊDO MENDONÇA

MÚSICAS INFLUENCIADAS POR RICARDO REIS

Pensar em escrever sobre Ricardo Reis nos remete uma idéia primordial de expor suas características mais marcantes como a de um poeta clássico, cuja serenidade se baseia no epicurismo e sua calma aceita a relatividade e a fugacidade de todas as coisas. Entre outras, essas são marcas de um poeta que, sem dúvida, dariam textos sem fim de uma análise minuciosa de sua obra. No entanto, nesse ensaio será abordada a influência de Ricardo Reis na música contemporânea conferida nas músicas da banda Los Hermanos.

A banda brasileira formada no Rio de Janeiro teve seu início em 1997, e trouxe um rock alternativo misturado a elementos da música brasileira como o samba e a música popular brasileira. Tendo como compositores principais os músicos Rodrigo Amarante e Marcelo Camelo, suas primeiras letras talvez não quisessem parecer pretensiosas ou adeptas de algum pensamento filosófico, mas com o tempo a maturidade literária foi se incorporando na composição das músicas da banda. Dessa maturidade literária conferida em suas composições, podemos destacar alguns trechos que nos mostram implicitamente o legado de Ricardo Reis.

Analisemos a música *Sapato Novo* (CAMELO, 4, 2005):

- bem, como vai você? levo assim, calado
de lado do que sonhei um dia
como se a alegria recolhesse a mão
pra não me alcançar
poderia até pensar que foi tudo sonho
ponho meu sapato novo e vou passear
sozinho, como der, eu vou até a beira
besteira qualquer nem choro mais
só levo a saudade, morena
e é tudo que vale a pena.

Notamos a tranquila resignação ao destino em toda a letra quando o eu lírico da canção não demonstra interesse em cessar a tristeza de estar só como nos versos “levo assim, calado” e “e vou passear sozinho”. O eu lírico se apresenta como um ser conformado com a situação em que se encontra e diz até que se cala diante de uma alegria que recolhe a mão para não alcançá-lo. Essa tristeza autorizada é bastante presente nos poemas de Reis como nos versos “Estás só.[...] Cada um consigo é triste.” (Odes, p. 152) em que o poeta defendeu que estando sozinho, devemos agir com naturalidade diante da solidão, pois esta não é tão devastadora quanto se teme. O eu lírico da canção busca essa naturalidade quando diz que põe o sapato novo e vai passear, que antes pôde até ter chorado e sofrido com a solidão mas que agora só leva a saudade de algo bom.

Na música *Primeiro Andar* (AMARANTE, 4, 2005), percebemos a escolha pelo ‘estar sozinho’ quando o eu lírico diz: “eu preciso andar um caminho só/vou buscar alguém/que eu nem sei quem sou” como que buscando uma identidade interior sem a necessidade de outra pessoa. Essa falta de necessidade do outro pode ser vista em Ricardo Reis nos versos “Nada nos falta, porque nada somos.”(Odes, p. 25) e podemos chamar isso de uma espécie de autonomia subjetiva. Ao mesmo tempo, na canção aparece uma segunda pessoa que serve apenas para que o eu lírico transcreva suas impressões pessoais do caminho percorrido sozinho como nos versos “Eu escrevo e te conto o que eu vi/e me mostro de lá pra você”. Na poesia de Reis vemos um amor que busca numa outra face uma possível indendificação consigo mesmo; o poeta fala que só amamos alguém porque notamos nele gostos, desejos, características e traços que nos lembrem a nós mesmos, atestando assim um eu voltado para si próprio até no que diz respeito as relações com outros indivíduos, como é visto nos versos “Ninguém a outro ama, senão que ama/ O que de si há nele, ou é suposto.” (Odes, p. 145).

Outro exemplo que podemos dar da escolha pelos compositores da banda Los Hermanos pela solidão de Ricardo Reis é a música *Dois Barcos* (CAMELO, 4, 2005). Ela fala de uma relação a dois mas que por uma distância física (ou não), os ‘dois barcos’ não estão juntos quando um percebe a ausência do outro pela falta de “sinais”. Apesar de haver um questionamento por parte do eu lírico visto nos versos “E se já não sinto teus sinais/ Pode ser da vida acostumar/Será, Morena?” é setenciado que não há como lutar contra essa solidão tão bem conhecida por ele como conferida nos versos “Sobre estar só, eu sei/ Nos mares por onde andei”.

Para Reis, cada indivíduo deveria procurar viver uma vida própria de isolamento e desvio das paixões exarcebadas da vida. Ele acreditava numa felicidade fugaz alcançada pela indiferença às grandes perturbações. Em versos como “Prefiro rosa, meu amor, à pátria,/ E antes magnólias amo/ Que a glória e a virtude” percebemos essa indiferença aos grandes feitos e a valorização das coisas simples que passam pela vida de maneira natural e inevitável. Esse poema pode ser comparado à música *O Vencedor* (CAMELO, *Ventura*, 2006) que traz em sua temática a busca pela vida simples. Nos versos “Eu que já não quero mais ser um vencedor/ Levo a vida devagar pra não faltar amor” podemos constatar a total falta de interesse por vitórias que não acrescentam nada a vida do ser humano; isso implica diretamente ao conceito de Reis no que diz respeito a viver uma vida sem grandes paixões buscando sempre a tranquilidade. No mesmo poema em questão ele diz:

Que importa àquele a quem já nada importa
Que um perca e outro vença,
[...] E o resto, as outras coisas que os humanos
Acrescentam à vida,
Que me aumentam na alma?

O poeta demonstra seu total desapego à questões cotidianas que não trazem benefícios a sua existência. Para ele tudo deve ser encarado de forma natural como acontecem as estações do ano, vivenciando assim uma prática contínua de sossego e paz. Para encerrar esta percepção da influência do pensamento de Ricardo Reis nas músicas compostas pelos componentes da banda Los Hermanos, podemos citar versos que resumam a temática escolhida para análise:

Eu que já não sou assim
Muito de ganhar
Junto às mãos ao meu redor
Faço o melhor que sou capaz
Só pra viver em paz.

REFERÊNCIA

- PESSOA, Fernando. *Obra Poética e Obras em prosa* (tomos I e II). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- REIS, Ricardo. *Odes*. Coleção Poesia. Edição Ática.

Site Apontamentos de português disponível em

<http://www.prof2000.pt/users/jsafonso/Port/Index.html> > acesso em 11.04.2011 as 00:23

Letras das músicas disponíveis em

<http://www2.uol.com.br/loshermanos/> > acesso em 11.04.2011 as 00:23

LOS HERMANOS. **4**. SONYBMG, 2005.

LOS HERMANOS. **Ventura**. SONYBMG - RCA, 2003.

FIM

Ricardo Reis e os seus discípulos

Por Alex Henriques da Silva

O caminho que devemos seguir para compreender a essência maior de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, é curioso e intrigante ao mesmo tempo. Vamos dá relevância a duas características de Ricardo Reis e fazermos uma analogia ao estilo de vida do poeta Vinícius de Moraes e ao nosso, que de certa forma, podemos considerar ou não como discípulos de Reis.

O epicurismo e o estoicismo são traços marcantes na obra de Reis, o primeiro prega a busca da tranquilidade da alma através da fuga da dor, do não temer a morte e encontrar os prazeres da vida sem nenhuma preocupação com o futuro. Já o segundo baseia-se na apatia, ou seja, ausência de envolvimento emocional excessivo.

Tendo em vista esses conceitos, podemos estabelecer uma comparação entre a vida de Vinícius de Moraes e as teorias de Ricardo Reis. Podemos dizer que Vinicius durante toda a sua vida experimentou alguns conceitos pregados por Reis e também divergiu de alguns deles. O epicurismo vivido por Vinícius buscava a sua felicidade e ao mesmo tempo fugia da sua dor bebendo seu uísque, compondo belas canções, freqüentando bares com os amigos e apaixonando-se por belas mulheres, distingue-se de Reis por não moderar o seu prazer. Ele vivia intensamente os seus amores, sem estabelecer limites, prova maior disso era a facilidade de apaixonar-se e envolver-se com a mulher desejada e algum tempo depois esquece-lá.

Ricardo Reis possui como característica o fato de não se prender aos amores para viver uma vida tranqüila e sossegada; Vinícius por sua vez não conseguia viver sem amor, pois este era sua fonte de inspiração, era por amor que o poeta ficava triste e feliz e sem ele não seria capaz de escrever. Concluindo a comparação entre Vinícius e Ricardo, iniciamos a comparação entre o nosso estilo e o estilo pregado por Ricardo Reis.

Ao analisarmos criteriosamente a obra de Ricardo Reis podemos trazer muitos benefícios para a nossa vida cotidiana. Vivemos numa sociedade tumultuada pelos afazeres do dia-dia, pelo estresse, pela falta de tempo para nós mesmos, pela falta de tempo de alimentar a mente de idéias boas, tendo como consequencia o esquecimento de viver e ter a sensação de está apenas passando pela vida, nos pegando a coisas pequenas, que nos desgastam e fazem mal.

Os escritos de Reis nos proporcionam uma pausa, um intervalo curioso entre o que estamos fazendo com e na vida, temos a sensação de que toda energia utilizada para resolver determinada situação foi gasta em vão, é como se a única coisa que importasse fosse o fato de está bem consigo mesmo e conseqüentemente a alma estaria tranqüila. O caráter pagão dos escritos também nos proporciona a reflexão do que é feito nos dias de hoje nos mais diversos tipos de religião, os

sacrifícios aos quais temos que nos submetemos às regras impostas, e são tantas que não conseguimos alcançar a divindade e esse fato acaba por destruir a boa vontade do homem em fazer algo de bom, pois cria-se a consciência de que jamais será digno de usufruir de algum benefício divino.

Todos esses fatores: o estresse, o dia-dia agitado, a falta de tempo para pensar, para ler e o apego a coisas fúteis acabam destruindo a visão crítica do homem, tornando-o produto do meio. Para sermos mais claros, podemos até definir como um processo de transformá-lo em máquina, o homem que é pago para fazer, para ficar satisfeito com o que ganha (péssimos salários), sustentar sua família com sacrifício e pensar que tudo isso é normal. A mídia é um veículo importante na implantação desse tipo de idéia, é uma “metralhadora de informação” muito perigosa.

Por isso é necessário praticar o uso da indiferença e tentar enxergar o que realmente tem valor para sua vida, pois ao sermos indiferentes conseguimos filtrar os nossos sentimentos e por consequência fazer um julgamento digno daquilo que está a nossa volta.

A obra de Ricardo nos leva a pensar e a dar um basta nisso, muitas vezes nos esquecemos de ser indiferentes por estarmos muito ligados a coisas desnecessárias, por achar que realmente vale à pena e que é muito importante para nós. Um dos tópicos que podemos tratar detalhadamente é a apatia, a ausência do envolvimento emocional excessivo que tantas vezes nos prejudica, muitos dos nossos sentimentos ditos e praticamente impostos pela sociedade nos cegam, nos levam para longe da razão, ficamos completamente desnorteados.

É como se não tivéssemos o controle da nossa vida, pelo fato de nos envolvermos com valores ditos corretos e necessários para que possamos ser aceitos em um determinado grupo ou sociedade. Depois de termos visto a verdadeira essência da obra de Ricardo Reis em nossa vida, não resta dúvidas de que o melhor mesmo é ser um discípulo deste racional poeta e tentar colocar em prática algumas de suas características aqui trabalhadas. Só assim poderemos manter vivos o nosso sensor crítico, a nossa consciência, a nossa capacidade de pensar e elaborar idéias, a visão crítica de si mesmo e a indiferença necessária para tudo aquilo que nos faz mal e nos prejudica.

FIM